



IDOSO: que tendência seguir?

**Márcia Mendes Marquez de Oliveira,
Dra. MirzaSeabraToschi**

UEG – Mestrado Interdisciplinar de
Educação, Linguagens e Tecnologias
Mestranda, marciamendes.polouab.uruacu@gmail.com
Bolsista Fundação de Amparo de Pesquisa do Estado de Goiás –
FAPEG, Orientadora – UEG/Anápolis, mirzas@brturbo.com.br

PALAVRAS-CHAVE: Idoso¹. Formação². Tendências pedagógicas³

RESUMO: Dados do IBGE comprovam o aumento da expectativa de vida da população brasileira e a consequente melhoria da qualidade de vida, levando o idoso a permanecer ativo por mais tempo, surgindo assim, a necessidade de formação nesta etapa da vida. Sendo assim, para usufruir dos benefícios e facilidades do mundo atual, é necessário que o sujeito idoso tenha o mínimo de apropriação dos conhecimentos sobre as tecnologias da informação e comunicação com o intuito de conquistar sua autonomia e interação social. Historicamente, as tendências pedagógicas vêm sustentando as diretrizes de ensino em cada período histórico específico, mas a maioria não contempla as especificidades de aprendizagem do idoso. Partindo desse pressuposto, este artigo pretende analisar as tendências pedagógicas para compreender a que mais se aproxima das expectativas de aprendizagem do idoso. A metodologia utilizada nas investigações foi pesquisa qualitativa, tendo suporte teórico de autores como Frias (2011), Debert (2004) Gadotti (1984), Kachar (2003), Sá (1999), Novaes (1997), Pasqualotti (2008), Both (2008), Duran (2008), Silveira (2001) Queiroz e Moita (2007), Luckesi (1994), Libâneo (1985), dentre outros. Neste sentido, questiona-se qual das tendências seria referencial para a formação do idoso, haja vista que se trata de um público com características e expectativas específicas de aprendizagem. As pesquisas sugerem que a formação do idoso deve se pautar em uma metodologia interdisciplinar que envolva prioritariamente todos os sentidos, como possibilidade de integração e interação em todos os segmentos sociais, além de considerar a diversidade e a realidade contemporânea onde o universo tecnológico se faz presente.

INTRODUÇÃO

O aumento da expectativa de vida da população brasileira apresenta um novo contexto educacional, onde o sujeito idoso vivencia a necessidade de formação iminente, para se manter ativo e produtivo na sociedade contemporânea.

A medicina é um dos fatores que contribuiu para essa realidade e trouxe a consequente melhoria da qualidade de vida desse público. Assim, o idoso tem permanecido ativo e para se



comunicar e interagir com as pessoas que o cercam na sociedade globalizada, surge a necessidade da formação com vistas à inclusão digital.

Neste sentido, para usufruir dos benefícios e facilidades do mundo atual, é necessário que o sujeito idoso tenha o mínimo de apropriação dos conhecimentos sobre as tecnologias da informação e comunicação com o intuito de conquistar sua autonomia e interação social.

Sendo assim, este artigo foi elaborado com o objetivo de analisar as tendências pedagógicas, visando compreender a que mais se aproxima das expectativas e necessidades de aprendizagem do idoso.

Neste sentido, questiona-se qual das tendências seria referencial para a formação do idoso, haja vista que se trata de um público com características e expectativas específicas de aprendizagem.

Apesar da diversidade de tendências pedagógicas que existem no contexto educacional, torna-se imprescindível a compreensão das especificidades de aprendizagem para a formação do idoso como requisito para sua inclusão social.

O estudo foi realizado a partir de uma pesquisa qualitativa tendo como suporte teórico autores de referência sobre o tema.

MATERIAL E MÉTODO

A população mundial tem envelhecido e no Brasil a população idosa nas últimas décadas, está crescente, representando 11% da população nacional com mais de 21 milhões de brasileiros, conforme os dados do IBGE (2011) que revela que a população nacional corresponde a 190.732.694 habitantes. Entre as décadas de 1940 a 2000 a população idosa mais que dobrou.

Este contexto revela variantes referentes ao contexto da pessoa idosa. A Organização Mundial de Saúde – OMS (2002) definiu como idoso um indivíduo com um limite de 65 anos ou mais de idade estabelecidos para os indivíduos de países desenvolvidos e 60 anos ou mais de idade para indivíduos de países subdesenvolvidos. Neste universo, surge um novo olhar sobre a convivência econômica e a preocupação com a formação.

Em seus estudos sobre a experiência contemporânea do envelhecimento, Debert (2004), desconstrói o curso de vida baseado na idade cronológica. Na sociedade moderna, a idade cronológica passa a ser irrelevante em muitos aspectos, devido a alterações na forma de produção, na família e na constituição da unidade doméstica.



A incapacidade do idoso é uma condição a ser vencida, manter-se ativo é um enfrentamento em relação a sociedade e sua condição física. Por intermédio da educação configura-se um olhar diferenciado sobre o papel do idoso na sociedade, surgindo também o reconhecimento sobre o idoso e seus direitos, novas oportunidades de atuação e vivências, pois conforme explicita Gadotti (1984), a educação tem um papel político fundamental e deve desempenhar uma função democrática, ser um lugar de encontro, de permanente troca de experiências.

Os dados do IBGE (2010) apontam que está havendo uma tendência de aumento de expectativa de vida do brasileiro, possibilitando a mudança de um perfil de população jovem para uma população idosa. Sendo assim, o idoso tem permanecido ativo e para se comunicar com as pessoas que o cercam na sociedade globalizada, surge a necessidade da formação com vistas à inclusão digital, visto que para usufruir da mesma é necessário que o sujeito idoso tenha o mínimo de apropriação dos conhecimentos sobre as tecnologias da informação e comunicação.

Frias (2011) afirma que:

Frente à evolução tecnológica de maneira vertiginosa, na atualidade, os idosos devem se apoderar dos meios tecnológicos para usá-los de modo consciente em prol da construção de uma nova imagem da velhice, tornando-se cidadãos participantes e ativos da sociedade do conhecimento e não somente um espectador passivo que utiliza os recursos gerados por outrem (p.1607).

Conforme afirma o autor, a atividade cotidiana do sujeito idoso na sociedade contemporânea requer a apropriação dos recursos tecnológicos permitindo, assim, manter-se ativo e com autonomia para assegurar sua interação social, que nos dias atuais ocorre por intermédio de tecnologias.

Vale ressaltar que discussões apontam para novas situações e amplitude das tecnologias, que refere a uma nova perspectiva de universo digital mediado por diversas tecnologias. Neste sentido, a necessidade de formação torna-se cada vez mais complexo em função das inovações tecnológicas as quais estão em todos os espaços sociais.

Porém, diversos estudiosos defendem a ideia de que a inclusão digital para o público idoso, não se resume ao ensino da informática ou da internet, visto que esse processo perpassa pela condição de educação e saúde. Neste sentido, a inclusão digital contribui para a melhoria da qualidade de vida na perspectiva da inclusão social. (KACHAR, 2003; SÁ, 1999; NOVAES,1997; PASQUALOTTI, 2008; BOTH, 2008).



Contribuindo Duran (2008, p. 07) afirma que:

Na denominada Sociedade da Informação, a inclusão digital é tratada como um compromisso urgente da agenda educacional. Alfabetismo digital é desenvolvimento, eis o argumento corrente. O discurso vigente está fundamentado no pressuposto segundo o qual haveria uma relação monolítica entre o acesso às tecnologias da informação e comunicação (TIC) e os processos de desenvolvimento em suas múltiplas dimensões, argumento que aponta para o ressurgimento do discurso redentor pela via tecnológica.

Em função dessa necessidade, torna-se imprescindível a compreensão das especificidades de aprendizagem e formação do idoso como requisito para sua inclusão social.

Em conformidade com essa ideia, Silveira (2001), aponta que a inclusão social passa pela inclusão digital, uma vez que é pela rede mundial de computadores, a Internet, que circula a informação e ter acesso a ela é também ter poder.

Sendo assim, busca-se compreender nas tendências pedagógicas, referencial para melhor atender a formação do idoso para a apropriação dos recursos tecnológicos.

TENDÊNCIAS PEDAGÓGICAS E A FORMAÇÃO DO IDOSO

Em virtude do aumento da expectativa de vida da população brasileira, a partir do final do século XX, surgem novas demandas inerentes ao idoso priorizando a saúde e, conseqüentemente, o bom funcionamento cognitivo e físico ocasionando, dessa forma, a redução de doenças, bem como a sua participação efetiva na sociedade.

Vale ressaltar que estudos científicos comprovam que a ideia de baixo potencial cognitivo na terceira idade é mito, pois o idoso que apresenta boa saúde física e mental apresenta potencial cognitivo semelhante à das pessoas jovens ativas.

Argimon e Stein (2005) comprovam esta teoria e explicam que alguns processos fisiológicos, que diminuem com a idade, mas podem ser modificados pelo exercício e pelo condicionamento físico. Neste sentido é imprescindível que o idoso mantenha-se ativo.

Quanto às habilidades cognitivas, Bee (1997) ressalta que a partir dos 65 anos algumas mudanças cognitivas são sutis ou até inexistentes, mas podem evoluir mediante a ociosidade, ou seja, habilidades não exercitadas. Neste contexto, o idoso, na contemporaneidade, tem manifestado interesse na continuidade das suas atividades, para isso busca formação que permita a sua inclusão social.

Lima (2001, p. 140) afirma que:



É necessária para a terceira idade, uma educação que crie espaços para discussões, trabalhos em conjunto, alunos e profissionais, implicados na saúde, nutrição, aspecto psicológico, cognitivo, corporal, emocional para garantir o desenvolvimento do homem como um todo.

No intuito de melhorar as possibilidades de desenvolvimento dos sujeitos da terceira idade – o idoso – busca-se compreender as possibilidades do processo de sensibilização ao idoso para a compreensão da evolução tecnológica atrelada metodologicamente aos acervos da história e da arte, como possibilidade mais concreta e sensorial.

Assim, deve-se pensar numa didática que atenda as perspectivas de aprendizagem deste público específico, o que remete à história da Didática, onde por vezes a perspectiva didática se alterou através dos tempos.

Analisando a evolução da didática, percebe-se que a mesma possui um olhar direcionado para o público infantil e jovem. Esta característica se explica em função da baixa perspectiva de vida que predominou até meados do século XX.

É impossível falar de formação e aprendizagem sem abordar as tendências pedagógicas, que são referências para a Educação, em seu respectivo momento histórico.

Conhecer as tendências pedagógicas e as perspectivas de ensino remete a um trabalho docente significativo, cujo objetivo maior seja atender a perspectiva de aprendizagem do contexto histórico, social e político vigente.

As tendências pedagógicas norteiam o trabalho didático, visto que levam o educador a refletir sobre questões imprescindíveis para a estruturação do processo de ensino, tais como: O que ensinar? Para quem? Como? Para quê? Por quê?

As tendências pedagógicas surgiram a partir de diversos pensadores, em relação a suas concepções de homem e de mundo, tendo como referência as problemáticas em relação ao contexto histórico das sociedades.

A relevância das tendências para o educador consiste no direcionamento do processo de ensino-aprendizagem, a partir de suas convicções pessoais, profissionais, políticas e sociais, oportunizando uma práxis estruturada e significativa para os educandos. Pois, segundo Luckesi (1994), “a Pedagogia não pode ser bem entendida e praticada na escola sem que se tenha alguma clareza do seu significado. Isso nada mais é do que buscar o sentido da prática docente”.



Historicamente, surgiram diversas tendências que vieram contribuir nas práticas pedagógicas. Libâneo (1985) organiza as diferentes pedagogias em dois grupos: Pedagogia Liberal e Pedagogia Progressivista. A Pedagogia Liberal é apresentada nas formas Tradicional; Renovada Progressivista; Renovada Não diretiva; e Tecnicista. A Pedagogia Progressivista é subdividida em Libertadora; Libertária e Crítico-social dos Conteúdos.

Assim, questiona-se qual das tendências seria referencial para a formação do idoso, haja vista que trata-se de um público com características e expectativas específicas de aprendizagem.

De acordo com Queiroz e Moita (2007), a tendência tradicional em seus primórdios no Brasil, teve como representantes os jesuítas. A formação, neste período histórico, era para a minoria e o principal objetivo da escola era formar os sujeitos para atuar na sociedade em diferentes funções, haja vista que o foco era formar os filhos dos burgueses para assegurar a continuidade do modelo político vigente.

Para tanto, a proposta de educação era absolutamente centrada no professor, figura incontestável, único detentor do saber que deveria ser repassado para os alunos. O papel do professor estava focado em vigiar os alunos, aconselhar, ensinar a matéria ou conteúdo, que deveria ser denso e livresco, e corrigir. Suas aulas deveriam ser expositivas, organizada de acordo com uma sequência fixa, baseada na repetição e na memorização (QUEIROZ; MOITA, 2007, p. 03).

Nesta proposta, a condição do aluno era de sujeito passivo, cabendo apenas a função de memorizar os conhecimentos transmitidos pelo professor, sem o direito a questionamentos. Nos dias atuais, esta tendência ainda exerce forte influência no processo de ensino.

Já a tendência liberal renovada surgiu no cenário brasileiro em meados das décadas de 20 e 30, do séc. XX, que apresenta a pedagogia renovada progressista ou pragmática, tendo John Dewey e Anísio Teixeira como seus principais representantes; a renovada não-diretiva, inspirada em Carl Rogers, destacando Piaget e Montessori; todos voltados para a Escola Nova ou Escola Ativa. (QUEIROZ; MOITA, 2007).

Essa tendência retira o professor e os conteúdos disciplinares do centro do processo pedagógico e coloca o aluno como fundamental, que deve ter sua curiosidade, criatividade, inventividade, estimulados pelo professor, que deve ter o papel de facilitador do ensino. Defende uma escola que possibilite a aprendizagem pela descoberta, focada no interesse do aluno, garantindo



momentos para a experimentação e a construção do conhecimento, que devem partir do interesse do aluno. (QUEIROZ; MOITA, 2007, p. 06).

Nesta tendência houve alguns equívocos por parte dos educadores, que entendiam que não era necessário um planejamento organizado e consistente, pois o condutor do processo de ensino-aprendizagem era o próprio aluno, cabendo ao professor a função de facilitador do processo.

No final da década de 60 surge a Tendência Liberal Tecnicista, com o objetivo de atender aos interesses da sociedade capitalista. Teve como representante maior Skinner, com sua teoria behaviorista, corrente comportamentalista. O tecnicismo defendia o princípio da neutralidade, a racionalidade, a eficiência e a produtividade, ou seja, a formação primava pela repetição e pela técnica.

Com a abertura política, no final dos anos 70 e início dos anos 80, surge a tendência progressista libertadora, com uma intensa mobilização dos educadores na busca de uma educação crítica, que estabelecesse a superação das desigualdades sociais. Tal tendência emerge com os movimentos de educação popular, em resistência ao autoritarismo e a dominação social e política.

Nesta tendência pedagógica, a atividade escolar deveria centrar-se em discussões de temas sociais e políticos e em ações concretas sobre a realidade social imediata. O professor deveria agir como um coordenador de atividades, aquele que organiza e atua conjuntamente com os alunos. Seus defensores, dentre eles o educador pernambucano Paulo Freire, lutavam por uma escola conscientizadora, que problematizasse a realidade e trabalhasse pela transformação radical da sociedade capitalista. (QUEIROZ; MOITA, 2007, p. 12).

Nesta tendência, a proposta pedagógica adotada explicitava a didática já aplicada nos “círculos de cultura”. Neste sentido, esta tendência foi mais marcante no universo das escolas públicas, devido aos movimentos populares.

A tendência progressista libertária negava-se a respeitar qualquer forma de autoridade ou poder, tendo como fundamento realizar modificações nas instituições educativas, surgindo como fruto da abertura democrática, que vai se consolidando lentamente a partir do início dos anos 80.

Cresce o interesse por escolas verdadeiramente democráticas e inclusivas e solidifica-se o projeto de escola que corresponda aos anseios da classe trabalhadora, respeitando as diferenças e os interesses locais e regionais, objetivando uma educação de qualidade e garantida a todos os cidadãos. Essa tendência defende, apoia e estimula a participação em grupos e



movimentos sociais: sindicatos, grupos de mães, comunitários, associações de moradores, para além dos muros escolares e, ao mesmo tempo, trazendo para dentro dela essa realidade pulsante da sociedade. (QUEIROZ; MOITA, 2007, p. 13).

Neste novo contexto, algumas mudanças estruturais da instituição foram estabelecidas por meio das eleições para conselhos, direção da escola, grêmios estudantis e outras formas de gestão participativa, iniciando o processo de democracia na educação.

Com a evolução do capital humano na sociedade, surge uma nova tendência pedagógica no cenário, a tendência progressista crítico social dos conteúdos ou histórico-crítica, defendendo a função social e política da escola, a inserção das classes populares e suas lutas sociais.

Esta tendência prioriza, na sua concepção pedagógica, o domínio dos conteúdos científicos, a prática de métodos de estudo, a construção de habilidades e raciocínio científico, como modo de formar a consciência crítica para fazer frete à realidade social injusta e desigual. Busca instrumentalizar os sujeitos históricos, aptos a transformar a sociedade e a si próprios. Sua metodologia defende que o ponto de partida no processo formativo do aluno seja a reflexão da prática social, ponto de partida e de chegada, porém, embasada teoricamente. (QUEIROZ; MOITA, 2007, p. 15).

De acordo com essa tendência, o sujeito é percebido dentro de um contexto histórico, onde sua consciência crítica o torna cidadão atuante e transformador do seu meio.

Todas essas tendências trouxeram contribuições relevantes para a educação, que por ora foram complementadas ou contrapostas, mas não apresentaram ação pedagógica direcionada especificamente ao idoso.

Atualmente, prevalece a crença nas tecnologias e mídias como formas mais eficazes para a construção de novos conhecimentos (PIMENTA; ANASTASIOU, 2010).

Libâneo (1990, *apud* PIMENTA; ANASTASIOU, 2010) enxerga na relação entre ensino e aprendizagem o elemento que possibilita a constituição da teoria didática e da orientação segura para a prática docente, destacando suas dimensões: a política, pois o ensino enquanto prática social favorece transformações; a científica porque deve revelar as leis gerais e as condições concretas em que se manifestam; e a técnica enquanto orientações da prática em situações concretas e específicas.

Nessa relação entre o ensinar da docência e o aprender do aluno, o autor aponta como ações docentes a explicitação de objetivos, a organização e seleção de conteúdos, a



compreensão do nível cognitivo do aluno, a definição metodológica dos meios e fins, demonstrando que o ato de ensinar não se resume ao momento da aula.

Neste contexto, a interdisciplinaridade aparece como o caminho mais adequado para aproximar uma educação que atenda a terceira idade, uma vez que se trata de um processo de reorganização das estruturas pedagógicas, onde ocorre a interação entre as disciplinas, com a integração mútua dos conceitos e da epistemologia, tendo como objetivo a unidade do saber.

De acordo com Severino (1989), na interdisciplinaridade busca-se a substituição de uma ciência fragmentada por uma ciência unificada, com repercussões no ensino, na pesquisa e na extensão.

Sendo assim, a interdisciplinaridade deve ser a base da educação permanente dos idosos, haja vista que são pessoas que possuem uma história de vida pessoal e uma bagagem de conhecimentos acumulada ao longo dos anos que devem ser aproveitadas e potencializadas no processo de formação e aprendizagem. Ou seja, na formação do idoso a educação formal deve centrar-se na busca de novas metodologias e locais de aprendizagem diferentes dos da escola tradicional.

Segundo Aghe (2000):

Modificar objetivos, conteúdos e métodos de acordo com as necessidades dos idosos e da sociedade que envelhece deve ser a proposta da educação dirigida a idosos, inserida numa perspectiva de educação permanente. A interdisciplinaridade deve ser igualmente, o fio condutor da formação de recursos humanos no campo, entre eles os professores de universidades da terceira idade.

Neste sentido compreende-se que não é somente nos espaços da universidade que deve haver formação para idosos, mas em possibilidades diversas, desde a formação informal quanto na formalidade.

Diante da emergência em prestar atendimento ao idoso compreende-se que as políticas públicas devem apresentar possibilidades para a formação deste público, assim como convergir uma referência das tendências pedagógicas que sustente as necessidades de aprendizagem do idoso.

RESULTADOS

Mediante estudo realizado sobre o universo do idoso compreende-se que o processo de formação acontece de acordo com as necessidades políticas e sociais. Na condição de um



novo grupo social que se apresenta a partir do século XX, novos paradigmas emergem tanto no campo econômico, familiar, social e educacional para atender o idoso.

A medicina clínica comprova o potencial possível do sujeito idoso na continuidade para a formação, contradizendo o preconceito de que o sujeito idoso é improdutivo e incapaz de construir novas aprendizagens.

Apesar das tendências pedagógicas existentes apresentarem contribuições significativas para o processo educativo e nortear as práticas educativas, não têm como objeto de atendimento ao idoso, visto que não se referem às especificidades de aprendizagem deste público que se difere da criança, do jovem e do adulto. Enfim, permanece a questão: para atender o idoso que tendência seguir?

CONCLUSÃO

Tem-se o entendimento de que a pedagogia deve ampliar seu olhar com vistas à historicidade e necessidades de aprendizagem deste público específico que é o idoso.

Deve-se primar por uma metodologia interdisciplinar que envolva prioritariamente todos os sentidos, de forma a tornar o sujeito mais ativo, como possibilidade de integração e interação em todos os segmentos sociais como também considerando a realidade contemporânea que o universo tecnológico faz presente no cotidiano do idoso.

REFERÊNCIAS

AGHE -ASSOCIATION FOR GERONTOLOGY IN HIGHER EDUCATION. **Directory of Educational Programs in Gerontology and Geriatrics**. Washington, DC, 2000.

ARGIMON, I.L.; & Stein, L. M. (2005). Habilidades Cognitivas em Indivíduos muito Idosos: Um Estudo Longitudinal. *Cadernos de Saúde Pública*, 1, p. 64-72.

BEE, H. (1997). *O Ciclo Vital*. Porto Alegre: Artes Médicas.

BRASIL, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). **Síntese de indicadores sociais** – uma análise das condições de vida da população brasileira. 2010. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/condicaodevida/indicadoresminimos/sinteseindicadores2010/SIS_2010.pdf>. Acesso em 12/03/2014

_____, CGI.br. **Pesquisa TIC Domicílio 2010**. São Paulo, junho de 2011. Disponível em: <<http://cetic.br/usuarios/tic/2010/apresentacao-tic-domicilios-2010.pdf>>. Acesso em agosto de 2014.

_____. Organização Pan-Americana da Saúde. **Envelhecimento ativo: uma política de saúde**. Brasília-DF, 2005



ANAIS - Seminário de Pesquisa, Pós-Graduação, Ensino e Extensão do CCSEH – SEPE
Os desafios para a formação do sujeito e os rumos da pesquisa e da extensão universitária na atualidade - 26 a 28 de agosto de 2015.

DEBERT, Guita Grin. **A Reinvenção da Velhice: Socialização e Processos de Reprivatização do Envelhecimento.** São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Fapesp, 2004.

DURAN, Débora. **Alfabetismo digital e desenvolvimento:** das afirmações às interrogações. 2008. 228 f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008..

FRIAS, Marcos Antonio da Eira *et al.* **Utilização de ferramentas computacionais por idosos de um Centro de Referência e Cidadania do Idoso.** *Rev. esc. enferm. USP* vol.45 no. spe São Paulo Dec. 2011. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0080-62342011000700011>>. Acesso em: 04/01/2015.

KACHAR, Vitória. Terceira idade e informática: aprender revelando potencialidades. São Paulo : Cortez, 2003.

LIMA, Mariúza Peloso. **Gerontologia educacional:** Uma pedagogia específica para idosos uma nova concepção de velhice. São Paulo: Terra, 2001.

LIBÂNEO, José Carlos. **Democratização da Escola Pública:** a pedagogia crítico-social dos conteúdos. São Paulo: Loyola, 1985.

LUCKESI, C. C. **Filosofia da Educação.** São Paulo: Cortez , 1994.

QUEIROZ, Cecília Telma Alves Pontes de ; MOITA, Maria Gonçalves da Silva Cordeiro. **Fundamentos sócio-filosóficos da educação.** Campina Grande; Natal: UEPB/UFRN, 2007.

PIMENTA, Selma Garrido; ANASTASIOU, Léa das Graças. **Docência no Ensino Superior.** 4 ed. São Paulo: Cortez, 2010.

SEVERINO, A. J. Subsídios para uma reflexão sobre novos caminhos da interdisciplinaridade. In: SÁ, J. L. M. (org.) **Serviço social e interdisciplinaridade: dos fundamentos filosóficos à prática interdisciplinar no ensino, pesquisa e extensão.** São Paulo: Cortez, 1989. p. 11–21.

SILVEIRA, S. A. **Exclusão digital** - a miséria na era da informação. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2001.